

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO



APENAS UM OLHAR

HARLAN COBEN

Uma foto pode contar muitas mentiras



APENAS UM OLHAR

“Harlan Coben é mestre em prender a atenção do leitor e criar histórias surpreendentes. Ele vai seduzir você logo na primeira página só para chocá-lo na última.” – Dan Brown, autor de *O Código Da Vinci*

“Coben prova sua inteligência e sua habilidade em construir uma narrativa e imprimir ritmo a ela, equilibrando várias tramas ao mesmo tempo. Você vai ler este livro em um dia, no máximo dois.” – *Entertainment Weekly*

“Harlan Coben continua um dos melhores nessa arte. Este é um daqueles livros em que nem o personagem principal nem o leitor sabem exatamente o que está acontecendo até o fim.” – *The San Francisco Chronicle*

“Só quando vira a última página é que o leitor tem a chance de respirar, dizer ‘Uau!’ e então se maravilhar com a estrutura incrivelmente bem construída.” – *The Miami Herald*

“O livro tem uma premissa excelente, e Coben faz um ótimo trabalho em deixar o leitor fascinado.” – *The New York Times*

“Coben transforma suas histórias em viagens psicológicas emocionantes. As páginas viram tão rápido que é incrível não terminar o livro cheio de cortes de papel nos dedos.” – *The Orlando Sentinel*

*Este livro é para Jack Armstrong,
porque ele é um dos bons rapazes.*

“Baby, você pode me contar sua lembrança favorita,
mas ela não passa de tinta desbotada.”

— *Provérbio chinês adaptado para a letra da música “Pale Ink”,
da Jimmy X Band (escrita por James Xavier Farmington;
todos os direitos reservados)*

SCOTT DUNCAN ESTAVA DIANTE do assassino.

Era uma sala em tom de cinza-chumbo e sem janelas, um ambiente constrangedor e estagnado cuja inércia era similar ao momento em que a música começa a tocar e nenhum dos desconhecidos sabe como dar início à dança. Scott arriscou um gesto de cabeça apático. O assassino, vestido com o uniforme prisional laranja, apenas o encarava. Scott entrelaçou os dedos das mãos e pousou-as sobre a mesa de metal. O assassino – a ficha dizia que se chamava Monte Scanlon, mas era impossível que aquele fosse seu nome – poderia ter feito o mesmo se não estivesse algemado.

“Por que”, perguntou-se outra vez Scott, “estou aqui?”

Scott se especializara em ações penais contra políticos corruptos – um vigoroso nicho de mercado em seu estado natal, Nova Jersey –, mas, três horas antes, Monte Scanlon, um homicida prolífico para todos os padrões, havia finalmente quebrado o silêncio para fazer uma exigência.

Que exigência?

Uma reunião em particular com o procurador federal adjunto, Scott Duncan.

Era algo estranho por uma série de razões, e aí vão duas: primeira, um assassino não deveria estar em posição de fazer exigências; segunda, Scott não conhecia nem nunca tinha ouvido falar de Monte Scanlon.

Scott quebrou o silêncio:

– Você pediu para me ver?

– Pedi.

Scott anuiu com um gesto de cabeça, esperando que ele falasse mais, o que não aconteceu.

– E o que posso fazer por você?

Monte Scanlon continuava a encará-lo.

– Sabe por que estou aqui? – perguntou o prisioneiro.

O olhar de Scott vagou pela sala. Além dele e de Scanlon, havia outras quatro pessoas presentes. Linda Morgan, procuradora federal dos Estados Unidos, estava encostada na parede do fundo, tentando imitar a naturalidade de Sinatra na capa de um de seus discos, na qual ele se apoia em um poste de luz. Parados atrás do prisioneiro havia dois guardas parrudos, quase idênticos, com braços da grossura de um tronco de árvore e peitorais que

pareciam armaduras antigas. Scott conhecia os dois agentes arrogantes; já os vira desempenhando suas funções com a serenidade de mestres de ioga. Mas ali, com aquele prisioneiro bem algemado, mesmo aqueles dois caras estavam nervosos. O advogado de Scanlon, um macaco velho que cheirava a colônia barata, completava o grupo. Todos os olhares estavam voltados para Scott.

– Você matou – respondeu Scott. – Muitas pessoas.

– Eu era um profissional do crime. Era o que chamam de... matador de aluguel.

– Em casos que não têm nada a ver comigo.

– É verdade.

A manhã de Scott fora bastante normal. Havia redigido uma intimação para um executivo ligado ao descarte de lixo que estava subornando o prefeito de uma cidade pequena. Caso rotineiro. Corrupção cotidiana no estado de Nova Jersey. Isso tinha acontecido uma hora, uma hora e meia atrás, talvez? Agora estava sentado do outro lado de uma mesa aparafusada ao chão, de frente para um homem que havia matado – de acordo com a estimativa arredondada de Linda Morgan – cem pessoas.

– Então por que me chamou?

Scanlon parecia um velho playboy que poderia ter sido acompanhante de uma das irmãs Gabor na década de 1950. Era pequeno, mirrado até. O cabelo grisalho, penteado para trás, estava ensebado; os dentes, amarelados pelo cigarro; a pele parecia couro curtido pelo sol do meio-dia e pelo excesso de longas noites em casas noturnas mal iluminadas. Ninguém na sala sabia seu verdadeiro nome. Quando foi capturado, seu passaporte dizia Monte Scanlon, nacionalidade argentina, 51 anos. A idade parecia correta, e só. Quando cruzaram suas digitais com o banco de dados do NCIC, o centro nacional de informações criminais não apontou nenhuma correspondência. O resultado do aplicativo de reconhecimento facial foi um redondo zero.

– Precisamos falar a sós.

– Esse caso não é meu – repetiu Scott. – Já há uma procuradora nomeada para ele.

– Isso não tem nada a ver com ela.

– E tem a ver comigo?

Scanlon inclinou-se para a frente e disse:

– O que estou para lhe contar vai mudar totalmente a sua vida.

Uma parte de Scott queria agitar os dedos ao som de um retumbante “Ó” bem na cara de Scanlon, num gesto afetado de desdém àquele ar de mis-

tério. Estava acostumado à mentalidade dos criminosos aprisionados – às manobras tortuosas, à busca de uma vantagem, à procura de uma saída, ao sentimento exagerado em relação à própria importância. Linda Morgan, como se adivinhasse os pensamentos de Scott, lançou-lhe um olhar de advertência. Segundo o que ela lhe contara, Monte Scanlon havia trabalhado para várias famílias influentes durante quase trinta anos. O pessoal que combatia o crime organizado ansiava por sua cooperação, como um homem faminto diante de um bufê. Desde que fora capturado, Scanlon tinha se recusado a falar. Até aquela manhã.

Então ali estava Scott.

– A sua chefe – disse Scanlon, apontando com o queixo para Linda Morgan – espera que eu coopere.

– Você vai tomar a injeção letal – respondeu Linda, ainda tentando imprimir um ar de indiferença. – Nada que você diga ou faça vai mudar isso.

Scanlon sorriu ao dizer:

– Me poupe. Você tem mais medo de perder o que vou dizer do que eu tenho de morrer.

– Certo. Outro valentão que não tem medo da morte – falou ela, desencostando da parede. – Sabe de uma coisa, Monte? Os valentões sempre borram as calças quando são amarrados na maca.

Novamente Scott conteve o desejo de agitar os dedos, dessa vez na cara da chefe. Scanlon continuava sorrindo. Não desviava o olhar de Scott, que não gostava do que via. Eram, como esperado, olhos pretos, reluzentes e cruéis. No entanto – e era possível que Scott estivesse imaginando coisas –, talvez houvesse algo mais ali. Alguma coisa além do vazio. Parecia haver uma súplica naquele olhar; Scott não conseguia se desviar dele. Talvez fosse arrependimento.

Ou até remorso.

Scott olhou para Linda e fez um aceno com a cabeça. Ela franziu o cenho, mas Scanlon já tinha percebido o jogo. Linda tocou o ombro de um dos guardas parrudos e fez sinal para que os dois saíssem. Levantando-se da cadeira, o advogado de Scanlon falou pela primeira vez:

– Qualquer coisa que ele diga é extraoficial.

– Fique lá com eles – mandou Scanlon. – Não deixe que escutem.

O advogado pegou sua pasta e seguiu Linda Morgan até a porta. Logo, Scott e Scanlon estavam sozinhos. Nos filmes, os assassinos são onipotentes. Na vida real, não. Não escapam das algemas no meio de uma penitenciária

federal de segurança máxima. Os dois Irmãos Parrudos, Scott sabia, ficariam atrás do vidro espelhado. O interfone, de acordo com as instruções de Scanlon, seria desligado. Porém, todos estariam assistindo.

Scott deu de ombros, como quem diz “E então?”.

– Não sou um matador de aluguel típico.

– Claro.

– Tenho minhas regras.

Scott ficou aguardando.

– Por exemplo, só mato homens.

– Uau! Que cavalheiro.

Scanlon ignorou o sarcasmo.

– É a minha primeira regra. Só mato homens. Mulheres, não.

– Certo. Mas me conte: a segunda regra tem alguma coisa a ver com só fazer sexo depois do terceiro encontro?

– Você acha que sou um monstro?

Scott deu de ombros, como se a resposta fosse óbvia.

– Você não leva a sério minhas regras?

– Que regras? Você mata pessoas. Inventa essas regras porque precisa acreditar que ainda existe algo de humano em você.

– Talvez, mas os homens que matei eram a escória – disse Scanlon após refletir sobre o assunto. – Fui contratado pela escória para matar a escória. Não sou nada mais que uma arma.

– Uma arma? – repetiu Scott.

– Sim.

– Uma arma não se importa com quem mata, Monte. Homens, mulheres, vovós, crianças pequenas. Para uma arma, não faz diferença.

Scanlon sorriu.

– *Touché.*

Scott esfregou as palmas das mãos nas pernas da calça.

– Você não me chamou aqui para uma aula de ética. O que quer?

– Você é divorciado, não é, Scott?

Ele não respondeu.

– Sem filhos, separação amigável, ainda é amigo da ex.

– O que você quer? – insistiu Scott.

– Explicar.

– Explicar o quê?

Scanlon baixou o olhar, mas apenas por um breve momento.

- Explicar o que fiz a você.
- Mas eu nem te conheço.
- Mas eu conheço você. E há muito tempo.

Scott deixou o silêncio se estabelecer. Lançou um olhar furtivo na direção do espelho. Linda Morgan devia estar atrás do vidro perguntando-se sobre o que estariam falando. Ela queria informações. O procurador ficou curioso para saber se alguém teria colocado uma escuta na sala. Provavelmente. De qualquer forma, valia a pena fazer Scanlon falar.

- Você é Scott Duncan. Trinta e nove anos. Formado em direito pela Columbia. Poderia ganhar muito mais dinheiro no exercício particular da profissão, mas é um trabalho que o deixa entediado. Tem atuado junto ao gabinete do procurador-geral nos últimos seis meses. Seu pai e sua mãe se mudaram para Miami no ano passado. Você tinha uma irmã, mas ela morreu quando estava na faculdade.

Scott se remexeu na cadeira. Scanlon o observava.

- Terminou?
- Você sabe como meu negócio funciona?

Mudança de assunto. Scott esperou um instante. Scanlon estava fazendo um jogo de manipulação, tentando pegá-lo desprevenido ou alguma bobagem assim. Scott não ia cair. Nada do que o prisioneiro “revelara” sobre sua família era surpreendente. Para obter aquelas informações, bastava fazer umas buscas na internet e dar alguns telefonemas.

- Por que você não me conta? – perguntou Scott.
- Vamos supor que você quisesse que alguém morresse – começou Scanlon.
- Certo.
- Você entraria em contato com um amigo, que tem um amigo, que conhece um amigo, que pode chegar a mim.
- E só esse último amigo conheceria você?
- Algo assim. Eu só tinha um intermediário, mas era cauteloso até com ele. Nunca nos encontramos pessoalmente. Usávamos codinomes. Os pagamentos iam sempre para contas no exterior. Eu abria uma conta nova a cada transação e fechava assim que o negócio era concluído. Está me acompanhando?
- Não é tão complicado assim – observou Scott.
- Verdade, não é. Mas, veja você, hoje em dia a gente se comunica por e-mail. Crio contas temporárias no Hotmail, no Yahoo!, onde for, com um nome falso. Nada que possa ser rastreado. Mas, mesmo que pudesse, mesmo

que descobrissem quem enviou, aonde isso levaria? Todos os e-mails eram enviados e lidos em bibliotecas ou outros lugares públicos. Estávamos completamente protegidos.

Scott ia mencionar que aquela proteção toda havia levado Scanlon para a cadeia, mas decidi guardar isso para mais tarde.

– O que isso tem a ver comigo?

– Vou chegar lá.

Scott percebeu que aquilo era apenas um aquecimento para a história completa.

– Antigamente, uns oito ou dez anos atrás, isso era feito de telefones públicos. Eu nunca via o nome da vítima escrito. O cara só falava pelo telefone.

Scanlon fez uma pausa e se certificou de que tinha toda a atenção de Scott. Seu tom se suavizou um pouco, tornou-se menos prosaico.

– É essa a questão, Scott. Era pelo telefone. Eu só ouvia o nome, não via.

Scanlon olhou esperançosamente para Scott, que não fazia ideia do que o assassino estava tentando dizer e, portanto, apenas respondeu:

– Aham.

– Você entende por que estou enfatizando que tudo era feito pelo telefone?

– Não.

– Porque uma pessoa como eu, com regras, poderia cometer um erro ao telefone.

Scott refletiu sobre aquilo.

– Ainda não entendi.

– Nunca mato mulheres. Essa é a regra número um.

– Você já disse.

– Então, se você me mandasse matar alguém chamado Billy Smith, eu pensaria em um homem. Então o nome terminaria com *y*. Nunca iria pensar que Billy fosse uma mulher. Com a mesma pronúncia, mas com *ie* no final em vez de *y*. Está entendendo?

Scott ficou completamente imóvel. Scanlon percebeu. Fechou o sorriso. A voz tornou-se muito suave.

– Falamos antes da sua irmã, não foi, Scott?

Scott não respondeu.

– Seu nome era Geri, estou certo?

Silêncio.

– Está entendendo o problema, Scott? Geri é um desses nomes. Se você ouve pelo telefone, imagina que seja com um *J* na frente e um *y* no final.

Quinze anos atrás, recebi um telefonema. Daquele intermediário que mencionei...

Scott meneou a cabeça.

– Recebi um endereço. E me disseram a hora exata em que “Jerry” – Scanlon fez o sinal de aspas com os dedos – estaria em casa.

A voz de Scott pareceu vir de muito longe:

– Chegaram à conclusão de que foi um acidente.

– A maioria dos incêndios criminosos acaba sendo considerada acidente se você sabe o que está fazendo.

– Não acredito em você.

Scott, porém, fitou outra vez os olhos do prisioneiro e sentiu seu mundo tremer. Sobreveio uma torrente de imagens: o sorriso contagiante de Geri, o cabelo rebelde, o aparelho nos dentes, a forma como mostrava a língua para ele durante as reuniões de família. Lembrou-se do primeiro namorado de verdade dela (um idiota chamado Brad), de ela não conseguir companhia para o baile de fim de ano da escola, do discurso entusiasmado que fez quando se candidatou a tesoureira do conselho estudantil, da sua primeira banda de rock (era horrível), da carta de aceitação que escreveu para a faculdade.

Scott sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos.

– Ela só tinha 21 anos.

Nenhuma resposta.

– Por quê?

– Não me preocupo com os motivos, Scott. Sou só um matador de aluguel...

– Não. Não é isso. – Scott levantou a cabeça. – Por que você está me contando isso agora?

Scanlon estudou o próprio reflexo no espelho.

– Talvez você estivesse certo – disse o prisioneiro em tom muito baixo.

– Certo sobre o quê?

– Sobre o que disse antes. – Ele voltou a encarar Scott. – No final, talvez eu precise da ilusão de que há alguma humanidade em mim.

Três meses depois

capítulo 1

EXISTEM RUPTURAS SÚBITAS. RASGOS na vida, profundos ferimentos a faca que retalham a carne. A existência é de uma forma e, depois de esfaçalhada, vira outra coisa. Desmorona como vísceras por um corte no abdômen. E ainda há aqueles momentos em que simplesmente se desmancha. Um fio solto é puxado. Uma costura cede. A mudança é lenta a princípio, quase imperceptível.

Para Grace Lawson, os contratempos começaram numa Photomat.

Estava entrando na loja de revelação de fotos quando ouviu uma voz familiar:

– Por que você não compra uma câmera digital, Grace?

Ela virou-se para a mulher.

– Não sou boa com tecnologia.

– Que bobagem! Você aprende num piscar de olhos – disse a mulher, estalando os dedos para ilustrar quão rápido é um piscar de olhos. – E as câmeras digitais são tããão mais práticas que as convencionais. Você apaga as fotos que não quer. Que nem arquivo de computador. Sabe o nosso cartão de Natal? Bem, Barry deve ter tirado milhares de fotos das crianças, apagando aquelas em que Blake piscava ou Kyle olhava para o lado errado, coisas do tipo, mas, como Barry diz, com tantas fotos tiradas, pelo menos uma fica decente, não é mesmo?

Grace anuiu. Estava tentando desencavar o nome da mulher, mas não lhe vinha à memória. A filha dela – Blake, não era isso? – tinha estudado com o filho de Grace, na primeira série. Ou talvez tivesse sido no ano anterior, na pré-escola. Era difícil acompanhar. Grace congelou o sorriso no rosto. A mulher era muito simpática, mas não se distinguia das outras. Grace se perguntou, não pela primeira vez, se ela mesma não estava deixando de se distinguir, se sua individualidade marcante não teria sido dissolvida pela padronização da classe alta.

Não era um pensamento reconfortante.

A mulher continuava a descrever as maravilhas da era digital. O sorriso congelado de Grace começou a doer. Ela lançou um olhar furtivo ao relógio, na esperança de que aquela mamãe antenada percebesse a indireta. Quinze para as três. Quase hora de pegar Max na escola. Emma tinha treino de

revezamento com o time de natação, mas era dia de outra mãe no revezamento de carona das crianças. *Revezamento* de carona para o *revezamento* na piscina, como dissera a Grace uma das mães alegres demais, com um breve hi-hi-hi. Pois é, muito engraçado.

– Temos que marcar um encontro – disse a mulher, diminuindo um pouco a intensidade. – Com Jack e Barry. Acho que eles vão se dar bem.

– Com certeza.

Grace aproveitou a pausa para dar tchau, abrir a porta e fugir para dentro da Photomat. A porta de vidro estalou ao fechar, fazendo tilintar um pequeno sino. O cheiro de produtos químicos, semelhante ao da supercola, foi a primeira coisa que sentiu. Ficou pensando nas consequências a longo prazo de se trabalhar em um ambiente assim e chegou à conclusão de que os efeitos de curto prazo já incomodavam bastante.

O garoto que trabalhava atrás do balcão – o uso do termo *trabalhar*, por parte de Grace, era uma generosidade nesse caso – tinha um emaranhado de penugem branca sob o queixo, cabelo tingido de uma cor que intimidaria até fabricantes de lápis de cor e piercings em número suficiente para criar um instrumento de sopro. Usava também um desses fones de ouvido gigantes, só que apoiado na nuca em vez de na cabeça. A música estava tão alta que Grace podia senti-la no peito. Ele tinha tatuagens, muitas. Uma dizia PEDRA. Outra, DESMANCHA-PRAZERES. Grace achou que uma terceira deveria dizer VAGABUNDO.

– Boa tarde.

Ele não levantou a cabeça.

– Boa tarde! – repetiu ela, um pouco mais alto.

Nada.

– E aí, cara!

Isso despertou a atenção dele. Atordoado, semicerrou os olhos devido ao incômodo da interrupção. Tirou o fone de ouvido a contragosto.

– Canhoto.

– Como?

– Canhoto.

Ah. Grace lhe entregou o recibo. Penugem Branca então perguntou seu nome. Aquilo a fez pensar em uma dessas centrais de atendimento ao cliente que pedem que você digite a identidade e depois, assim que você consegue falar com uma pessoa de verdade, solicitam o mesmo número. Como se a primeira solicitação fosse apenas um treinamento.

Penugem Branca – Grace estava começando a gostar daquele apelido – remexeu um arquivo cheio de envelopes com fotografias e pegou um. Arrancou a etiqueta e lhe informou um preço exorbitante. Ela entregou a ele um cupom de desconto depois de vasculhar a bolsa – uma escavação que deixaria no chinelo a busca dos Manuscritos do Mar Morto – e observou o preço baixar até algo próximo do razoável.

Ele entregou o envelope de fotos. Grace agradeceu, mas Penugem Branca já tinha plugado a música no cérebro outra vez. Ela acenou em sua direção.

– Não venho pelas fotos, mas pela espirituosidade da equipe – ironizou ela.

Penugem Branca bocejou e pegou sua revista. O último exemplar de *Vagabundo Moderno*.

Grace chegou à calçada. O tempo estava fresco. O verão tinha sido jogado para escanteio pelo outono com suas características rajadas de vento. As folhas ainda não haviam começado a mudar de cor, mas notas de cidra já pairavam no ar. As vitrines exibiam a decoração de Halloween. Emma, a filha que estava na terceira série, convencera Jack a comprar um balão de 2,5 metros de altura no formato de Homer Simpson fantasiado de Frankenstein. Grace tinha de admitir que era ótimo. Os filhos gostavam dos *Simpsons*, o que talvez indicasse que, apesar dos pesares, ela e Jack os estavam criando bem.

Grace queria abrir o envelope naquele momento. Sentia sempre uma euforia diante de fotos recém-reveladas, uma expectativa do tipo é-hora-de-abrir-os-presentes, um frenesi como o de apanhar a correspondência mesmo sabendo que são só contas, algo que a fotografia digital, apesar de todas as conveniências, não conseguia superar. No entanto, não havia tempo até a saída da escola.

Quando seu carro alcançou a Heights Road, ela pegou um pequeno retorno para poder passar pelo mirante da cidade. De lá o horizonte de Manhattan, sobretudo à noite, estendia-se como diamantes sobre veludo negro. Sentia uma pontada de saudade. Amava Nova York. Até quatro anos atrás, aquela ilha maravilhosa havia sido sua casa. Eles tinham um loft na Charles Street, no Village. Jack trabalhava com pesquisa médica para uma grande empresa farmacêutica. Ela pintava no ateliê, em casa, enquanto ridicularizava as pessoas do subúrbio, com seus veículos utilitários, calças de veludo cotelê e conversas sobre bebês. Agora, se tornara uma delas.

Grace estacionou atrás da escola, junto às outras mães. Desligou o carro, pegou o envelope da Photomat e abriu. O rolo era da viagem anual a Chester para colher maçãs, feita na semana anterior. Jack tirara as fotos. Gostava de

ser o fotógrafo da família. Considerava a atividade um trabalho masculino, paterno, como se fosse um sacrifício pela família que cabia ao pai.

A primeira imagem era de Emma, a filha de 8 anos, com Max, o filho de 6, numa carroça de feno, os ombros curvados, as bochechas vermelhas por causa do vento. Grace parou e contemplou a foto por um instante. Sentimentos, sim, de ternura maternal, primitivos e evolucionários, fizeram-na se recostar. Era isso que as crianças provocavam. Eram essas pequenas coisas que ficavam nas pessoas. Lembrava que tinha feito frio naquele dia. O pomar, ela sabia, estaria muito cheio. Não quisera ir a princípio. Mas, ao olhar para aquela foto, refletiu sobre a estupidez de suas prioridades.

As outras mães estavam reunidas na cerca da escola, conversando sobre banalidades e planejando datas para os filhos se encontrarem. Eram, naturalmente, os Estados Unidos da contemporaneidade, pós-feministas, e, contudo, dos cerca de oitenta adultos esperando, apenas dois eram homens. Ela conhecia um deles, um pai que fora demitido havia mais de um ano. Era possível ver isso em seus olhos, no passo lento, nos pontos em que a barba estava malfeita. O outro cara era um jornalista que trabalhava em casa, com um aspecto sempre ansioso demais para conversar com as mães. Solitário, talvez. Ou outra coisa.

Alguém bateu na janela do carro. Grace olhou. Cora Lindley, sua melhor amiga na cidade, fez sinal para que abrisse a porta. Grace obedeceu. Cora sentou no banco do carona, a seu lado.

– E aí, como foi o encontro ontem à noite? – perguntou Grace.

– Sem graça.

– Que pena.

– É a maldição do quinto encontro.

Cora era divorciada, um pouco sexy demais para o grupo alvoroçado e sempre protetor de “senhoras de família”. Com uma blusa decotada de oncinha, calça de lycra e sandálias cor-de-rosa, certamente não se encaixava naquele mar de calças cáqui e suéteres largos. As outras mães a olhavam com desconfiança. Os adultos de subúrbio podem ter um comportamento muito semelhante ao de alunos do ensino médio.

– O que é a maldição do quinto encontro? – perguntou Grace.

– Você não tem tido muitos encontros, não é?

– Não, ora – respondeu Grace. – Um marido e dois filhos acabaram com a brincadeira.

– Pena. Ouça e não me pergunte por quê, mas, no quinto encontro, os

caras sempre tocam naquele assunto... Como dizer isso com delicadeza...?
Do *ménage à trois*.

– Por favor, me diga que é brincadeira.

– Não é. Quinto encontro. No máximo. O cara me pergunta, de forma totalmente hipotética, qual é minha opinião sobre *ménage à trois*. Como se estivéssemos conversando sobre a paz no Oriente Médio.

– E o que você diz?

– Que em geral gosto, especialmente quando os dois homens começam a beijar de língua.

Grace deu uma gargalhada, e as duas saíram do carro. Sua perna ruim doía. Após mais de uma década, não deveria se constranger por causa daquilo, mas Grace odiava que as pessoas a vissem mancar. Ficou ao lado do carro, observando Cora se afastar. Quando o sinal tocou, as crianças irromperam como se tivessem sido disparadas de um canhão. Como qualquer outra mãe, Grace só tinha olhos para os próprios filhos. Poderia soar um tanto insensível, mas o restante da manada era apenas pano de fundo.

Max surgiu no segundo êxodo. Quando viu o filho – com um pé do tênis desamarrado, a mochila do Yu-Gi-Oh! parecendo quatro vezes maior, o gorro de lã do New York Rangers de lado como uma boina de turista –, a ternura brotou outra vez. Max desceu os degraus, ajeitando a mochila no ombro. Ela sorriu. O menino a localizou e sorriu também.

Ele entrou no banco de trás do carro. Grace ajustou o cinto do assento infantil e perguntou como fora o seu dia. Max respondeu que não sabia. Ela perguntou o que ele tinha feito na escola. O menino respondeu que não sabia. Aprendeu matemática, inglês, ciências, artes e trabalhos manuais? Resposta: um dar de ombros e “Não sei”. Grace balançou a cabeça. Um caso clássico da epidemia conhecida como Alzheimer Escolar. As crianças eram drogadas para esquecerem ou faziam pactos de silêncio? Um dos mistérios da vida.

Foi só depois de chegar em casa e dar a Max um GO-GURT – um iogurte numa embalagem semelhante à de pasta de dentes – que Grace teve a chance de olhar o restante das fotografias.

A luz da secretária eletrônica estava piscando. Uma mensagem. Ela checou o identificador de chamadas e viu que era um número bloqueado. Apertou o play e ficou surpresa. Era a voz de um velho... amigo, achava. Conhecido seria casual demais. Figura paterna seria um termo mais preciso, mas apenas no sentido mais bizarro.

– Oi, Grace. É Carl Vespa.

Ele não precisava dizer o nome. Fazia anos, mas sempre reconheceria aquela voz.

– Me liga quando puder? Preciso conversar com você sobre um assunto.

A secretária eletrônica emitiu outro som. Grace não se mexeu, mas sentia o velho alvoroço na barriga. Vespa. Carl Vespa tinha ligado. Não devia ser coisa boa. Carl Vespa, apesar de toda a generosidade para com ela, não era de ligar para bater papo. Ficou pensando se retornava a ligação e decidiu, por ora, que não.

Foi até o quarto de hóspedes que havia se tornado seu ateliê improvisado. Quando estava pintando bem – quando se encontrava, como qualquer artista ou atleta, “no fluxo” –, enxergava o mundo como se o preparasse para a tela. Olhava para as ruas, as árvores, as pessoas, e imaginava o tipo de pincel que usaria, a pincelada, a mistura de cores, as diferentes luzes e os matizes de sombra. O trabalho devia refletir sua vontade, não a realidade. Era assim que enxergava a arte. Todos veem o mundo por um prisma pessoal, naturalmente. A melhor arte era aquela que ajustava a realidade a fim de mostrar o mundo do artista, o que ele enxergava ou, com mais exatidão, o que desejava que os outros enxergassem. Nem sempre era uma realidade mais bonita. Com frequência, surgia algo mais provocativo, talvez mais feio, forte e magnético. Ela queria uma reação. A pessoa poderia gostar de um belo pôr do sol – mas Grace queria o espectador imerso nesse pôr do sol, com medo de desviar o olhar dele e medo de não desviar.

Gastara um pouco mais e mandara fazer cópias extras. Os dedos mergulharam no envelope e puxaram as fotografias. As duas primeiras eram de Emma e Max no feno. A seguinte mostrava o filho com os braços erguidos, tentando apanhar uma maçã gala. Tinha a inevitável foto com dedo, em que a mão de Jack se aproximara demais da lente. Grace sorriu, meneando a cabeça. Seu grande pateta. Havia várias outras fotografias dela e das crianças, com diferentes maçãs, árvores e cestas. Seus olhos ficaram marejados, como sempre ficavam toda vez que via fotos dos filhos.

Seus pais morreram cedo. A mãe, quando um semirreboque atravessou um canteiro na Route 46, em Totowa. Grace, filha única, tinha 11 anos na época. A polícia não fora até sua porta, como nos filmes. O pai ficara sabendo do acontecido por um telefonema. Ainda se lembrava da forma como ele, vestindo calça azul e colete de lã cinza, havia atendido o telefone com seu habitual “alô” melódico, de como o rosto perdera a cor, como caíra de

repente no chão; os soluços, primeiro abafados e depois silenciosos, como se não conseguisse ar suficiente para expressar o sofrimento.

O pai a criou até que o coração dele, enfraquecido na infância por um acesso de febre reumática, sucumbisse durante o primeiro ano dela na faculdade. Um tio que morava em Los Angeles se ofereceu para ficar com a jovem, mas Grace já era maior de idade na época. Decidiu ficar na Costa Leste e trilhar o próprio caminho.

A morte dos pais a deixara arrasada, mas também infundira em sua vida uma estranha sensação de urgência. Para os vivos, fica uma angústia de terem sido deixados para trás. Aquelas mortes lhe ampliaram o escopo do mundano. Ela queria se abarrotar de lembranças, preencher-se com os acontecimentos da vida e – por mais mórbido que parecesse – garantir que os filhos tivessem muitas lembranças dela quando também se fosse.

Foi nesse instante, pensando nos pais e em como Emma e Max pareciam bem mais velhos comparados às fotos da colheita de maçãs do ano anterior, que ela deu de cara com uma foto bizarra.

Grace franziu o cenho.

A fotografia estava mais ou menos na metade do bolo. Talvez mais para o final. Era do mesmo tamanho, confundindo-se perfeitamente às outras, embora fosse um pouco mais frágil. Papel mais barato, pensou. Como uma fotocópia feita com material de escritório de qualidade.

Grace observou a foto seguinte. Só aquela não tinha duplicata. Que estranho. Apenas uma fotografia revelada. Ficou pensando naquilo. Devia ter sido colocada ali por acidente.

Porque não lhe pertencia.

Tratava-se de um erro. Era a explicação óbvia. Bastava pensar na qualidade do trabalho de um homem como Penugem Branca. Ele parecia ser do tipo perfeitamente capaz de fazer uma confusão, certo? De enfiar uma foto errada em um envelope.

Provavelmente foi o que acontecera.

A fotografia de outra pessoa fora misturada às suas.

Ou talvez...

A foto tinha uma aparência antiga. Não que fosse em preto e branco ou sépia, nada assim. A revelação era em cores, mas os tons pareciam de certo modo... esmaecidos – desbotados pelo sol, sem a vitalidade que é de se esperar nos dias atuais. As pessoas fotografadas, também. As roupas, os cabelos, as maquiagens – tudo antiquado. De quinze, talvez vinte anos atrás.

Grace a colocou sobre a mesa para examiná-la melhor.

As figuras na fotografia estavam levemente borradas. Havia quatro pessoas – não, espere, tinha mais uma no canto –, cinco pessoas na fotografia. Dois homens e três mulheres, todos no final da adolescência ou talvez com 20 e poucos anos – pelo menos aqueles que ela conseguia ver com clareza pareciam ter mais ou menos essa idade.

Universitários, concluiu Grace.

Usavam jeans, blusões, o cabelo desgrenhado, com aquela postura casual do desabrochar da independência. A foto parecia ter sido tirada um pouco antes da hora, quando os retratados ainda estavam se agrupando. Algumas cabeças encontravam-se viradas, apenas com o perfil visível. De uma garota de cabelos escuros, no canto direito, dava para ver só a parte de trás da cabeça e uma jaqueta jeans. A seu lado estava outra, de cabelo vermelho flamejante e olhos muito separados.

Uma moça loura, perto do centro, tinha no rosto – meu Deus, que diabo era aquilo? – um X gigante desenhado. Como se alguém a tivesse eliminado.

Como aquela foto...?

Enquanto olhava, Grace sentiu uma leve pontada no peito. As três mulheres, não as reconhecia. Os dois homens se pareciam de certa forma, mesma altura, cabelo e atitude. O da esquerda não era ninguém de quem se lembrasse.

Tinha certeza, no entanto, de que sabia quem era o outro homem. Ou garoto. Não tinha idade para ser chamado de homem. Teria idade suficiente para servir no Exército? Claro. Idade bastante para ser chamado de homem? Estava bem no meio, ao lado da loura com o X na cara...

Mas não podia ser. A cabeça estava meio virada de lado. Uma barba esparsa de adolescente cobria grande parte do rosto...

Seria seu marido?

Grace observou mais de perto. Era, no máximo, uma foto de perfil. Ela não conhecera Jack tão jovem. Eles se viram pela primeira vez treze anos antes, em uma praia da Côte d'Azur, no sul da França. Após mais de um ano de cirurgias e fisioterapia, ela ainda não estava completamente recuperada. As dores de cabeça e a perda de memória permaneciam. Mancava – uma seqüela que carregara até ali –, mas, com toda a divulgação e a exposição daquela noite trágica ainda a sufocando, Grace só queria sair de cena por um tempo. Matriculou-se na Universidade de Paris e estudou arte a sério. Foi durante o recesso, estirada sob o sol da Côte d'Azur, que conhecera Jack.

Seria mesmo Jack na foto?

Parecia diferente ali, sem dúvida. O cabelo era bem mais comprido. Estava com a mesma barba, mas em um rosto infantil e jovem demais para que fosse encorpada. Usava óculos. Havia, porém, algo na postura, na inclinação da cabeça, na expressão.

Aquele era seu marido.

Passou rapidamente os olhos sobre as outras fotos. Havia mais feno, mais maçãs, mais braços levantados para apanhar maçãs. Viu uma foto que tinha tirado de Jack, no único momento em que ele a deixara com a câmera, controlador como era. Erguia os braços tão alto que a camisa havia subido a ponto de deixar a barriga à mostra. Emma dissera “eca, que nojo”. E isso fizera, naturalmente, com que Jack levantasse a camisa ainda mais. Grace havia rido. “Manda ver, gatinho”, foi o que ela dissera, tirando a foto seguinte. Jack, para grande mortificação de Emma, tinha concordado e se contorcido.

– Mãe?

Ela se virou.

– O que foi, Max?

– Posso comer uma barrinha de cereais?

– Vamos levar uma para comer no carro – respondeu ela, levantando-se.

– Precisamos dar um passeio.

Penugem Branca não estava na Photomat.

Max examinava todas as molduras temáticas – “Feliz aniversário”, “Amamos você, mamãe”, esse tipo de coisa. O homem atrás do balcão, deslumbrante com uma gravata de poliéster, protetor de bolso e camisa social de manga curta de tecido tão fino que era possível ver o decote em V da camiseta por baixo, usava um crachá com o nome e que informava, com todas as letras, que ele, Bruce, era o subgerente.

– Em que posso ajudá-la?

– Estou procurando o rapaz que estava aqui umas duas horas atrás – explicou Grace.

– Josh já foi embora. Posso fazer alguma coisa pela senhora?

– Peguei um filme revelado um pouco antes das 15 horas...

– Sim?

– Tinha uma foto que não deveria estar lá – esclareceu Grace, da melhor forma que conseguiu.

– Não sei se estou entendendo.

– Uma das fotos. Não fui eu que tirei.

Ele fez um gesto na direção de Max.

– Vejo que a senhora tem filhos pequenos.

– Perdão?

O subgerente Bruce empurrou os óculos da ponta do nariz em direção à testa.

– Só estava observando que a senhora tem crianças pequenas. Ou, pelo menos, uma.

– E o que isso tem a ver?

– Às vezes a criança pega a câmera... Quando os pais não estão vendo. Tiram uma ou duas fotos. Depois põem de novo a câmera no lugar.

– Não, não é isso. A foto não tem nada a ver com a gente.

– Entendo. Sinto muito pelo inconveniente. A senhora está com todas as fotos que tirou?

– Acho que sim.

– Não falta nenhuma?

– Não cheguei a verificar, mas acho que temos todas.

Ele abriu uma gaveta.

– Tome esse cupom. Seu próximo filme vai ser revelado de graça. Nove por doze. Se quiser 10x15, tem um pequeno acréscimo.

Grace ignorou a mão estendida.

– O cartaz na porta diz que vocês revelam todas as fotos aqui mesmo.

– Exatamente – confirmou o funcionário, dando um tapinha numa máquina grande atrás dele. – A boa e velha Betsy faz o trabalho por nós.

– Meu filme foi revelado aqui, então?

– Claro.

Grace lhe entregou o envelope da Photomat.

– Pode me dizer quem revelou este filme?

– Tenho certeza de que foi um erro inocente.

– Não estou dizendo que não foi. Só quero saber quem revelou meu filme.

Bruce deu uma olhada no envelope.

– Posso perguntar por que a senhora quer saber?

– Foi Josh?

– Sim, mas...

– Por que ele foi embora?

– Como assim?

– Peguei as fotos um pouco antes das 15 horas. Vocês fecham às 18 horas. Ainda não são nem 17 horas.

– E?

– Parece estranho que um turno acabe entre 15 e 18 horas, numa loja que fecha às 18 horas.

O subgerente Bruce se aprumou um pouco.

– Houve uma emergência na família de Josh.

– Que tipo de emergência?

– Bem, Sra.... – ele olhou para o envelope – Lawson, lamento pelo erro e pelo inconveniente. Tenho certeza de que uma fotografia de outro filme foi parar no seu envelope. Não me lembro de isso ter acontecido antes, mas ninguém é perfeito. Ah, espere.

– O quê?

– Posso ver a foto em questão, por favor?

Grace teve medo de que ele quisesse ficar com a fotografia.

– Eu não trouxe – mentiu.

– Era uma foto de quê?

– De um grupo de pessoas.

Ele confirmou com um gesto de cabeça.

– Entendo. E essas pessoas estavam nuas?

– O quê? Não. Por que está perguntando isso?

– A senhora parece aborrecida. Concluí que a foto era ofensiva.

– Não, nada disso. Só preciso falar com Josh. Pode me dizer o sobrenome ou me dar o telefone da casa dele?

– Isso está fora de cogitação. Mas ele vai estar aqui amanhã bem cedo. Então vai poder falar com ele.

Grace preferiu não protestar. Agradeceu ao homem e foi embora. Talvez seja melhor, pensou ela. Ir até a loja fora apenas uma reação imediata. Era bom analisar isso. Provavelmente tinha sido um exagero de sua parte.

Jack chegaria em casa em poucas horas. Perguntaria a ele.

Grace estava presa em afazeres do lar – tinha que levar algumas crianças da natação para casa. Quatro garotas, de 8 e 9 anos, todas cheias de energia, duas no banco traseiro e mais duas no espaço de tr s da minivan. Era um turbilhão de risadinhas, de “Ol , Sra. Lawson”, cabelo molhado, o aroma suave do cloro da Associa o Cristã de Moços misturado com o de chiclete, o som de mochilas sendo jogadas, de cintos de segurança sendo afivelados. Nenhuma criança se sentava na frente – novas regras de segurança –, mas, apesar da sensa o de ter se tornado motorista particular, ou talvez por

causa disso, Grace gostava de fazer o transporte. Era um momento para ver a filha interagir com as amigas. As crianças falam livremente quando estão sendo levadas ou trazidas; o adulto que dirige poderia muito bem estar em outra dimensão. Um pai ou uma mãe podem aprender muito. Era possível descobrir quem era legal, quem não era, quem estava no grupo, quem não estava, qual professora era totalmente maravilhosa e qual não era nem um pouco. Dava para decifrar, quando se escutava com a devida atenção, em que nível de popularidade a criança se encontrava.

Era também a coisa mais divertida do mundo.

Jack ficaria outra vez trabalhando até tarde, então, quando chegaram em casa, Grace preparou logo o jantar de Max e Emma – *nuggets* vegetarianos (supostamente mais saudáveis e, uma vez mergulhados em ketchup, as crianças não notam a diferença), bolinhos de batata e milho congelado. Emma fez o dever de casa – uma carga pesada demais para uma garota de 8 anos, Grace achava. Quando teve um segundo livre, foi ao corredor ligar o computador.

Ela podia não ser adepta da fotografia digital, mas entendia a necessidade e até as vantagens da computação gráfica e da internet. Havia um site que exibia seu trabalho, mostrava como comprá-lo, como encomendar um retrato. A princípio, aquilo lhe deu a impressão de estar pedindo esmolas, mas, como Farley, seu agente, lembrou, Michelangelo pintava por dinheiro e sob encomenda. Da mesma forma que Da Vinci, Rafael e a maioria dos grandes artistas que o mundo já conheceu. Quem era ela para se colocar acima disso?

Grace escaneou suas três fotos favoritas da colheita de maçãs por segurança e, depois, mais por capricho que outra coisa, decidiu também escanear a fotografia estranha. Feito isso, foi dar banho nas crianças. Emma primeiro. Já estava saindo da banheira quando Grace ouviu as chaves do marido tilitarem na porta dos fundos.

– Ei – chamou Jack, com um sussurro. – Será que tem algum brotinho aí em cima esperando pelo seu garotão?

– As crianças – avisou ela. – As crianças ainda estão acordadas.

– Ah.

– Quer vir se juntar a nós?

Jack subiu a escada correndo e agarrou os dois ao mesmo tempo. A casa balançou com sua investida. Ele era um homem enorme, tinha 1,89 metro e pesava 95 quilos. Grace adorava toda aquela sustância dormindo a seu

lado, o sobe e desce do peito, o cheiro masculino, os pelos macios do corpo, a forma como ele a enlaçava com o braço durante a noite, a sensação não só de intimidade, mas também de segurança. Ele a fazia se sentir pequena e protegida, o que talvez não fosse politicamente correto, mas ela gostava.

Emma disse:

– Oi, papai.

– Ei, gatinha, como foi a escola?

– Tudo bem.

– Ainda tem uma queda por aquele garoto, o Tony?

– Eca!

Satisfeito com a reação, Jack beijou Grace no rosto. Max saiu do quarto, completamente nu.

– Pronto para o banho, carinha? – perguntou o pai.

– Pronto – respondeu Max.

Eles bateram as mãos. Jack levantou o filho em meio a um mar de risadas. Grace ajudou Emma a vestir o pijama. Gargalhadas vinham do banheiro. Jack estava cantando uma canção infantil com Max, na qual uma garota chamada Jenny Jenkins não conseguia se decidir sobre que cor de roupa vestir. O pai começava com a cor e o filho acrescentava a rima. Naquele instante, os dois estavam cantando que ela não podia usar “amarelo” porque ficaria parecendo “marmelo”. E os dois caíram outra vez na gargalhada. Faziam quase sempre as mesmas rimas, todas as noites. E morriam de rir todas as noites.

Jack secou Max, colocou-lhe o pijama e o pôs na cama. Leu dois capítulos de *A fantástica fábrica de chocolate*. Max escutava cada palavra, totalmente arrebatado. Emma já tinha idade para ler sozinha. Estava deitada na cama, devorando a última história dos órfãos Baudelaire, de Lemony Snicket. Grace, sentada a seu lado, desenhava durante meia hora. Era seu momento favorito do dia – trabalhando em silêncio naquele quarto junto à filha mais velha.

Quando Jack terminou, Max implorou por mais uma página. O pai foi firme. Estava ficando tarde, disse ele. Max concordou a contragosto. Eles conversaram por mais um ou dois minutos sobre a visita iminente do personagem à fábrica de Willy Wonka. Grace escutava.

Roald Dahl, concordavam seus dois homens, era o máximo.

Jack diminuiu as luzes – o interruptor tinha regulagem para iluminação, porque Max não gostava da escuridão total – e depois entrou no quarto de Emma. Inclinou-se para lhe dar um beijo de boa-noite. A menina, louca pelo

pai, levantou os braços, abraçou-o pelo pescoço e não queria deixá-lo sair. Jack se derretia com aquela técnica noturna da filha, que servia tanto para demonstrar afeto como para adiar o momento de dormir.

– Alguma coisa nova no caderno? – perguntou ele.

Emma fez que não. A mochila estava ao lado da cama. Ela abriu e pegou o caderno escolar. Virou umas páginas e o entregou ao pai.

– Estamos fazendo poemas – contou Emma. – Comecei um hoje.

– Legal. Quer ler?

O rosto da menina resplandeceu. O de Jack também. Ela pigarreou e começou:

Bola de basquete, bola de basquete,

Por que você é tão redonda?

Tão áspera?

E tão marrom?

Bola de tênis, bola de tênis,

Por que você é tão inquieta?

Quando bate na raquete,

Se sente um pouco maluquete?

À porta, Grace observava a cena. O horário de Jack tinha ficado pior ultimamente. Em geral, ela não se importava. Os momentos de tranquilidade estavam ficando escassos. Precisava de um reconforto. A solidão, precursora do tédio, conduzia ao processo criativo. Era o ponto nevrálgico da criação artística – entediarse até a inspiração surgir, nem que fosse para preservar a sanidade. Um amigo escritor explicou certa vez que a melhor cura para o bloqueio da escrita era ler o catálogo telefônico. Eleve o tédio ao máximo possível, e a Musa será obrigada a abrir caminho pela artéria mais entupida.

Quando Emma terminou, Jack se inclinou para trás e disse:

– Uau!

A menina fez a cara que sempre fazia quando não queria demonstrar que estava orgulhosa de si. Contraiu os lábios, encobrendo os dentes.

– É o poema mais incrível que já escutei em toda a minha vida – falou ele.

Emma deu de ombros, com a cabeça baixa.

– São só as duas primeiras estrofes.

– São as duas primeiras estrofes mais incríveis que já ouvi.

– Amanhã vou escrever um sobre hóquei.

– Falando nisso...

– O quê? – perguntou Emma, sentando-se na cama.

Jack sorriu.

– Comprei ingressos para os Rangers, no Garden, no sábado.

A menina, que fazia parte do grupo “fã de esportes”, em oposição ao grupo que idolatrava a *boy band* da moda, exclamou um “Eba!” e partiu para outro abraço. Jack revirou os olhos e a abraçou. Eles discutiram o desempenho recente do time e fizeram apostas sobre as chances de derrotar o Minnesota Wild. Minutos depois, ele conseguiu se desenroscar da filha. Disse à menina que a amava muito. Ela disse que o amava também. Ele começou a se dirigir para a porta.

– Vou pegar alguma coisa para comer – sussurrou para Grace.

– Tem um resto de frango na geladeira.

– Por que você não veste algo mais confortável?

– A esperança é a última que morre.

Jack arqueou uma sobrancelha.

– Ainda com medo de não ser mulher o suficiente para mim?

– Ah, por falar nisso...

– O quê?

– Uma fofoca sobre o encontro de Cora ontem à noite.

– Das boas?

– Desço num segundo.

Ele arqueou a outra sobrancelha e, com um assovio, correu escada abaixo. Grace esperou até ouvir a respiração de Emma ficar mais profunda para segui-lo. Apagou a luz e aguardou um instante. Aquela era a função de Jack. Ele andava pelos corredores à noite, sem conseguir dormir, vigiando-os em suas camas. Havia noites em que ela acordava e via que o lugar a seu lado estava vazio. Encontrava Jack parado em uma das portas dos quartos, com os olhos vidrados. Grace se aproximava e ele dizia:

– Você os ama tanto...

Não precisava dizer mais. Nem havia necessidade de falar aquilo.

Jack não a ouviu se aproximar, e, por alguma razão que Grace preferia não elaborar, ela mesma tentou não fazer barulho. Encontrou-o parado, de costas, de cabeça baixa. Aquilo não era normal. Jack costumava ser hiperativo, estar em constante movimento. Como Max, não conseguia ficar parado. Estava sempre se mexendo. Quando sentava, ficava sacudindo a perna. Tinha muita energia.

Naquele momento, porém, estava com o olhar fixo no balcão da cozinha – mais especificamente, na fotografia estranha –, imóvel como uma pedra.

– Jack?

Ele se empertigou.

– Que diabo é isso?

Seu cabelo, notou ela, estava um pouco mais comprido do que deveria.

– Por que você não me conta?

Ele não disse nada.

– É você, certo? O de barba.

– O quê? Não.

Grace olhou para ele, que piscou e virou o rosto para o outro lado.

– Peguei essa revelação hoje – explicou ela. – Na Photomat.

Ele continuou em silêncio. Grace se aproximou.

– Essa foto estava no meio das nossas.

– Espera – interrompeu ele, erguendo o olhar de repente. – Estava no envelope das nossas fotos?

– Sim.

– Qual filme?

– O que a gente usou no pomar das maçãs.

– Isso não faz o menor sentido.

Grace deu de ombros.

– Quem são as outras pessoas na foto?

– Como vou saber?

– A loura do seu lado, com o X na cara. Quem é ela?

O celular de Jack tocou. Ele o sacou como se fosse um pistoleiro num duelo. Balbuciou um alô, escutou, pôs a mão sobre o bocal e falou:

– É o Dan.

Era seu colega de pesquisa na Pentocol Pharmaceuticals. Ele baixou a cabeça e entrou no escritório.

Grace subiu de novo. Começou a se preparar para dormir. O que havia começado como uma leve implicância estava ficando mais sério, persistente. Ela se lembrou dos anos em que viveram na França. Jack nunca falava do passado. Ela sabia que ele era de uma família rica e que havia um fundo fiduciário – e que ele não queria saber de nenhum dos dois. Tinha uma irmã, advogada em Los Angeles ou San Diego. O pai ainda era vivo, mas em idade avançada. Grace queria saber mais, porém ele se recusava a falar, e, sentindo que havia algo sinistro no ar, ela não insistia.

Os dois se apaixonaram. Ela pintava. Ele trabalhava num vinhedo em Saint-Émilion, Bordeaux. Moraram lá até Grace ficar grávida de Emma. Na época, alguma coisa a atraía para casa – um desejo, por mais antiquado que parecesse, de criar os filhos na terra dos bravos e da liberdade. Jack queria ficar, mas ela insistira. Agora se perguntava por quê.

Meia hora se passou. Grace deslizou para debaixo das cobertas e esperou. Dez minutos depois, ouviu o som de um carro dando partida. Olhou pela janela.

A minivan de Jack estava saindo.

Ele gostava de fazer compras à noite, ela sabia – ir ao mercado quando não estava cheio. Ele sair assim não era incomum. Exceto, naturalmente, pelo fato de não avisá-la e não perguntar se estavam precisando de alguma coisa em particular.

Grace tentou ligar para o celular dele, mas a ligação caiu na caixa postal. Ela sentou, recostada, e esperou. Nada. Tentou ler. As palavras flutuavam, sem sentido, em uma névoa. Duas horas depois, ligou de novo. Ainda na caixa postal. Foi dar uma olhada nas crianças. Dormiam a sono solto, sem se darem conta de nada, convenientemente.

Quando não aguentou mais, Grace resolveu descer. Olhou o envelope com as revelações.

A foto estranha havia sumido.

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém
Apenas um olhar

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

